

DEP. LEG. 213 610498'9

# HISTÓRIA DA RAÍNHA FLOR DE ALTURA

BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA - 1000

R.138674

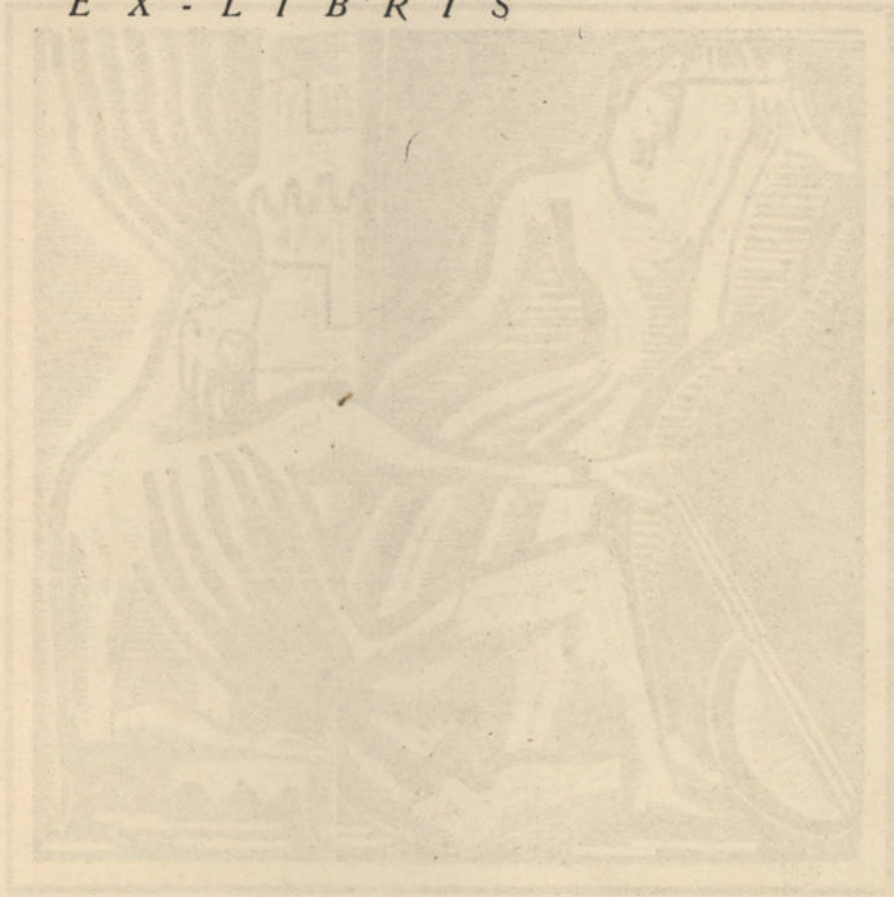


COLECÇÃO PATRIA—LIVRO NÚMERO ONZE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMAO  
VILA NOVA DE FAMALICAO — 1939

12498 / 19

## LIVRO ONZE

### HISTÓRIA DA RAINHA FLOR DE ALTURA

El-rei de Portugal, D. Pedro I, nunca esqueceu a sua amada Dona Inez de Castro nem a injustiça da sua morte. E passou o resto da sua vida a fazer justiça por suas próprias mãos. Quem cometesse maldade, logo recebia dele castigo, fôsse quem fôsse, que pertencesse ao povo ou à fidalguia, ninguém escapava à justiça de el-rei, nem mesmo os seus melhores amigos. Quem tinha culpas, recebia o castigo. Mas, se a morte da linda Inez o tornou tão amigo da justiça que lhe ficaram chamando D. Pedro, *o Justiceiro*, por outro lado esse grande desgosto da sua vida não lhe endureceu o coração nem o fêz sombrio. Pensava de-certo que, por êle padecer não era isso razão para os outros padecerem; tinha um grande amor ao seu povo. Se castigava os maus, fazia aos bons todo o bem que podia. E a sua maior alegria era ver o seu povo alegre e folgar com êle. Ia às vezes para a rua dançar com a arraia miúda; e uma noite em que não podia dormir, levantou-se, acordou tôda a gente no palácio e mandando os músicos tocar as grandes trombetas moiriscas, de prata, que tanto gostava de ouvir, saíu do palácio mais os seus officiais e cavaleiros. O povo começou por se assustar; depois, quando viu o que era, ficou todo contente, porque se el-rei amava o povo, o povo também lhe queria muito.

— E' el-rei! E' el-rei que vem bailar mais a gente!

E saíram todos das suas casas com archotes e candeias, no meio de grande alegria e algazarra.

Outra vez ordenou el-rei, na cidade de Lisboa, uma festa como nunca fôra vista. Foi quando êle armou cavaleiro o primeiro conde que houve em Portugal.

Era então costume que aquêle que ia ser armado cavaleiro, devia passar a noite da véspera numa igreja, a velar suas armas que se punham sôbre um altar.

No caminho que o conde havia de percorrer, desde o palácio real até ao convento de São Domingos, mandou el-rei estar cinco mil homens em alas, com tochas acesas na mão. E entre êles passaram el-rei, o conde e tôda a fidalguia, bailando; e era coisa muito linda de se ver.

No dia seguinte, appareceram muitas tendas armadas no Rossio; e havia lá montes de pão, e tantas vasilhas cheias de vinho, que nem tinham conta. E havia fogueiras onde se assavam bois inteiros, em grandes espetos. Quem quisesse, vinha ali comer e beber à farta; nem pão, nem vinho, nem carne era ali negado a quem o pedisse, e não houve naquele dia em tôda a cidade de Lisboa quem não ficasse bem farto e regalado.

D. Pedro I, *o Justiceiro*, reinou durante dez anos em Portugal e foi um bom rei. Estabeleceu justiça e ordem em todo o reino e administrou tão bem os dinheiros do país, que todos viviam bem e o tesouro aumentou muito. Morreu novo, que só tinha quarenta e sete anos quando o enterraram; e o povo dizia a chorar que dez anos como os do seu reinado, nunca tinha havido em Portugal.

Por morte de el-rei D. Pedro I, foi alçado rei seu filho mais velho, que tivera de sua primeira mulher, Dona Constança.

Tinha este infante D. Fernando vinte e dois anos quando subiu ao trono. Era de altura regular, muito bem feito e airoso de corpo e tão lindo de rosto que lhe chamavam D. Fernando, o *Formoso*. Mas tinha génio brando, deixava-se levar para onde quer que fôsse, porque não tinha a vontade firme que convém a um rei. Era muito diferente de seu pai. O que queria era namorar e divertir-se.

Tinha três irmãos, do mesmo pai, mas não da mesma mãe, que estes eram filhos de Dona Inez de Castro: D. João, D. Deniz e Dona Beatriz. E ainda havia um outro, também chamado D. João, que nascera no norte de Portugal, muito tempo depois da morte de Dona Inez de Castro. Esse era bastardo e guardava-o Deus para ser um dos maiores reis de Portugal e para dar começo às grandes glórias que levantaram os portugueses acima de todos os povos da Cristandade. Mas quando el-rei D. Pedro, seu pai, morreu, ainda ele era criança e ninguém falava dele.

Dos filhos de Dona Inez de Castro, o mais velho, D. João, duque de Valença, era um rapaz bem parecido, bom cavaleiro e caçador de mão cheia. Tinha grande casa e vassallos, oficiais, criadagem, e grande trem de caça. Generoso e de bom coração, não lhe faltavam amigos dedicados. Era valente e resoluto mas muito arrebatado e perdia facilmente a cabeça, quando qualquer paixão lhe tomava conta da alma.

A infanta Dona Beatriz tinha também grande casa e, como não havia ainda rainha nem outras princesas da família real, a verdadeira côrte era no seu palácio. Ali se juntavam el-rei e os infantes D. João e D. Deniz, e todos os oficiais e cavaleiros; Dona Beatriz tinha as suas aias, tudo senhoras da nobreza, e recebia em sua casa as fidalgas do reino; e como tanto ela como os irmãos eram todos muito novos, chamavam para si gente nova. Assim, no palácio da infanta Dona Beatriz não faltava alegria, festas, divertimentos; e tudo aquilo fervilhava de namoriscos, paixões e intrigas.

Tinha Dona Beatriz uma aia que se chamava Dona Maria Teles. Era viúva e tinha um filho já dos seus quinze anos; mas casara tão novita que ainda agora ninguém lhe dava mais de vinte e quatro ou vinte e cinco anos; e era tão linda e tão cheia de graça, que o infante D. João se perdeu de amores por ela. Mandava-lhe recados a pedir-lhe que o recebesse nos seus aposentos, pois muito queria falar-lhe a sós. Mas a linda viuvinha, que era rapariga muito séria, respondia sempre que tal coisa não podia ser, nem ela queria, com tal procedimento, ganhar má fama. E assim andavam as coisas entre aquêles dois: ele a procurá-la aceso em paixão, e ela, que também lhe queria muito, a fugir-lhe contra vontade, com medo de más línguas e de intrigas.

Como já ficou dito, o filho mais novo de el-rei D. Pedro, o bastardo, também chamado D. João, não andava na côrte nem em divertimentos. Tinha outra criação.

La ele nos sete anos e seu pai ainda era vivo, quando morreu o Mestre da Ordem de Aviz, que era um fidalgo muito poderoso e rico; porque aquelas Ordens de frades cavaleiros possuíam vilas, terras e castelos e tinham quasi tanto poder como o rei; e os Mestres eram quem governava aquilo tudo.

Ora o Mestre da Ordem de Cristo (que era a quem el-rei D. Pedro confiara a criação do seu filho bastardo) apenas soube da morte do Mestre de Aviz, foi logo ter com el-rei à Chamusca, onde ele estava, e levou-lhe o filhinho. Disse-lhe assim:

— Meu senhor, venho aqui pedir a Vossa Alteza o mestrado da Ordem de Aviz para este seu filho.

El-rei D. Pedro ficou todo contente com este pedido e disse logo que sim.

Então o Mestre de Cristo pegou no infante ao colo e el-rei cingiu-lhe a espada e armou-o cavaleiro. Beijou-o e deitou-lhe a bênção, dizendo:

— Deus te abençoe, meu filho, e te faça um bom e leal cavaleiro, digno da honra que agora recebes e do nome e sangue que herdaste de teus avós, grandes reis de Portugal.

E, a-pesar-de tão criança ainda, parecia que o infante entendia estas coisas muito bem. Com os olhos cravados no pai e a cara muito séria, ajoelhou de frente dele e beijou-lhe a mão com todo o respeito.

Voltou-se então el-rei para o Mestre e disse-lhe assim:

— Futurou-me uma pessoa entendida em tais coisas, que um filho meu chamado João, subiria muito alto em glória e virtudes e que, por seus feitos, muita honra e fama viria a êste reino de Portugal. Mas tenho dois filhos com nome de João e não sei qual deles será. Quer-me parecer que será êste, porque tive um sonho em que vi todo êste reino a arder; e veio êste meu filho com uma vara na mão e apagou o fogo. Contei isto a quem bem entende de sonhos e disse-me que êste meu filho faria coisas de maravilhar, não só para bem de Portugal, mas de tôda a cristandade.

Pouco depois desta conversa, o pequeno D. João foi levado para a Ordem de Aviz, vestiu o hábito d'esses cavaleiros e lá foi criado com êles com muita seriedade e cuidado até que teve idade de tomar conta do mestrado; e tal era o seu juízo e competência que todos os cavaleiros o respeitavam, o estimavam e lhe obedeciam como se êle tivesse outra idade. Assim, bem novo, ficou sendo Mestre de Aviz que era dos cargos mais nobres e importantes que então havia em Portugal.

Andava nesse tempo guerra acesa em Espanha. D. Pedro, rei de Castela, chamado com razão *o Cruel*, fizera tais maldades e mandara matar tanta gente sem motivo, que muitos dos seus fidalgos se voltaram para seu irmão bastardo, D. Henrique de Trastâmara, com tenção de o alçarem a rei. E não faltavam batalhas, correrias, mortes, roubos, incêndios e desgraças, em terras de Espanha.

D. Fernando de Portugal tomou partido por D. Pedro; e os fidalgos portugueses, que pouco respeitavam o seu rei e não lhe obedeciam, dividiram-se: Uns iam para D. Pedro, outros para D. Henrique. Os portugueses entraram em Espanha e tomaram vilas e castelos e os espanhóis entraram em Portugal e fizeram o mesmo.

Havia em tudo grande desordem e confusão. El-rei D. Fernando, com seu gênio brando e descuidado, mais levado a divertir-se e a namorar do que a cuidar das suas obrigações, deixava ir tudo ao Deus dará. Assim, com as despesas de uma guerra que se podia ter evitado e que não trazia a Portugal honra nem proveito, e com os luxos, festas e desbaratos da côrte, em pouco tempo as grandes riquezas juntadas por el-rei D. Pedro, *o Justiceiro*, e por seu pai e avô, foram diminuindo. Nem el-rei D. Fernando tinha força para mandar nos fidalgos, nem poder de impedir a desordem em que tudo andava. E isto pela fraqueza da sua vontade e por não ter competência para governar. O povo, acostumado a ter bons reis e a respeitá-los, andava muito descontente.

Ora neste comenos, indo as coisas de mal a pior, chegou à côrte da Infanta Dona Beatriz a irmã de Dona Maria Teles, que vinha passar algum tempo na sua companhia. Era a tal irmã casada com o senhor de Pombeiro, João Lourenço da Cunha. Em má hora veio, que muitas desgraças se teriam evitado em Portugal se ela se tivesse deixado ficar sossegada na sua casa de Pombeiro, na companhia do marido.

Chamava-se ela Dona Leonor Teles e era uma destas mulheres de quem se costuma dizer que têm o diabo no corpo. Linda era ela, de uma boniteza que tornava os homens malucos e enchia de inveja as outras mulheres. Cabelos ruivos como o fogo e macios como sêda, olhos azues, ora brilhantes de malícia ora aveludados de ternura, airosa de corpo, sempre cuidada e garrida no vestuário, esperta, pronta nas respostas e fina como um coral. Ao cabo de pouco tempo não se falava na côrte senão na sua beleza, na graça dos seus ditos, na esbelteza do seu corpo, e no estranho encanto dos seus modos. Os poetas faziam-lhe versos e o povo chamava-lhe *Flor de Altura*, de-certo por ela ser linda como uma flor e por andar tão alto acima dele.

Pouco tardou que el-rei D. Fernando se namorasse de tal criatura. Costumou-se a vê-la a tôda a hora em casa da infanta Dona Beatriz, a conversar

com ela, a rir das suas graças e travessuras e a perder a cabeça cada vez que os seus olhos encontravam aquêlê olhar que ora parecia vir do céu ora do inferno. Por fim, dia em que não a visse, era para êle noite escura. E aquêlê mal, indo sempre a mais, tornou-se paixão tamanha que não havia mais nenhuma mulher no mundo para quem el-rei D. Fernando tivesse vontade de olhar.

Mas *Flor de Altura*, que tinha o coração frio e não gostava de ninguém, furtava-se às falas de el-rei. Ladina, bem sabia que quanto mais ela se furtasse, mais bravo se tornaria aquêlê fogo em que D. Fernando ardia. Respondia aos seus protestos de amor dizendo que era mulher casada e honesta e que antes queria morrer do que faltar às suas obrigações. E enquanto assim falava, lá muito escondida no fundo do seu coração, começava a crescer-lhe a cobiça de ser rainha.

D. Fernando, cego de amor, não via a manha daquela mulher. Nem via que não lhe competia a êle, como rei que era, deixar-se ir a tal loucura. Nenhum homem pode fazer tudo que tem na vontade, sem o pagar caro; e muito menos um rei que tem tantas obrigações e a carga de um povo inteiro aos ombros. Mas D. Fernando não queria saber dessas coisas.

E nisto chegaram de Pombeiro dois cavaleiros que vinham do mando de João Lourenço da Cunha para acompanharem a sua casa D. Leonor Teles, pois era passado o tempo que ela devia demorar-se na côrte.

El-rei, quando tal soube, foi logo ter com Dona Maria Teles e falou-lhe em grande segrêdo. Disse-lhe que fingisse qualquer doença, de maneira que sua irmã, com pretexto de a tratar, ficasse mais tempo na sua companhia, e, com tal recado, que despedisse os cavaleiros de João Lourenço.

— Tal não farei, — respondeu Dona Maria, que era boa e ajuizada, — pois não vejo que nenhum bem venha disto a minha irmã. Ela é casada e vós sois rei de Portugal. Bom é que Leonor se vá embora depressa, pois a sua demora aqui só pode trazer desgraças.

Mas el-rei não fêz caso nenhum daquelas boas palavras.

— Entendei-vos com vosso tio e vosso irmão e tratai de desmanchar o casamento de Dona Leonor. João Lourenço é seu próximo parente e a Igreja pode bem desquitá-los por tal motivo. Mais quero casar com vossa irmã do que com qualquer princesa do melhor sangue real de tôda a cristandade.

Assim estiveram largo tempo trocando suas razões até que por fim se separaram, el-rei muito firme no seu propósito de casar com D. Leonor Teles, e Dona Maria muito aflita sem saber as voltas que havia de dar à sua vida. Bem lhe bastava, coitada, o tormento em que vivia com o amor que tinha no coração pelo infante D. João, que tanto bem lhe queria e a quem ela não podia confessar a sua paixão.

Pareceu-lhe que o melhor era ir contar à irmã a conversa que tivera com el-rei; e, depois de conversarem muito as duas, resolveram ir ter com seu tio, o Conde de Barcelos, e pedir-lhe conselho. Quando êste ouviu as sobrinhas e viu que, levando aquilo com jeito, uma delas podia vir a ser rainha, tratou logo de arranjar as coisas o melhor que pôde. Mandou os cavaleiros de João Lourenço da Cunha com recado de que Dona Leonor não podia voltar para casa; e logo começou a tratar com a Igreja para o desquite de Dona Leonor.

João Lourenço, apenas foi sabedor do que se passava, ficou por tudo, pois bem certo estava êle que nenhum proveito lhe viria de jogar as cristas com el-rei e com o conde de Barcelos. Receando até que o matassem, abalou para a côrte de Castela, onde se deixou ficar. Como era bom poeta distraía-se por lá fazendo versos; e, para evitar que fizessem troça dele, achou que era melhor ser êle o primeiro a fazê-la, e mandou pôr na gorra, em lugar de plumas (como era moda naquele tempo) duas hastilhas de ouro.

Ainda bem não Dona Leonor Teles foi desquitada do marido, el-rei D. Fernando casou logo com ela muito às escondidas. Dêste casamento ninguém foi sabedor. Mas o amor, por muito escondido que fôsse, pouco a pouco veio a lume; porque o amor, mormente o amor dos reis, por mais que façam, vem

sempre ao de cima de todos os esconderijos, tão certo como o azeite vem ao de cima da água. E muitos fidalgos se escandalizaram e o levaram muito a mal, e o povo ainda mais.

Isto aconteceu antes de D. Fernando romper as pazes com el-rei D. Henrique de Castela, e tinha justo casamento com a infanta filha dêste rei. Sem pensar em mais nada, D. Fernando mandou mensageiros a el-rei de Castela dizendo-lhe que não podia casar com sua filha porque era já casado com uma fidalga portuguesa. El-rei D. Henrique arrenegou-se muito com êste recado, mas como andava ainda tão embrulhado em guerras contra seu irmão, não quis fazer questão com el-rei de Portugal, e respondeu-lhe que tinha muita pêne mas que nem por isso deixava de ser seu amigo; e que não faltariam bons maridos à infanta de Castela. Assim ficaram as coisas por então; mas D. Henrique não esqueceu esta ofensa e bem o mostrou pelo andar dos tempos, como veremos na continuação desta história.

Assim livre de cuidados, D. Fernando entregou-se cada vez mais aos seus amores que, de dia para dia, eram menos encobertos. Os fidalgos do seu conselho falaram-lhe várias vezes; não sabiam que êle já casara às escondidas com Dona Leonor Teles, mas viam as coisas tão adiantadas que tinham grande receio de que o casamento viesse a fazer-se, e não queriam ter tal raínha. Diziam-lhe que não parecia bem que êle casasse com a mulher de um seu vassalo e que, por amor dela, desprezasse noivas de bom sangue real como lhe competia e que trariam honra e riquezas ao reino de Portugal; e que um rei devia cuidar mais do bem do seu reino e do seu povo, do que de si mesmo e dos seus gostos e paixões. Mas, vendo que el-rei se agastava com estes conselhos e não fazia caso nenhum deles, acabaram por se calar.

O povo falava destas coisas entre si; em várias cidades, e mormente em Lisboa, juntava-se aos magotes discutindo os amores do rei e censurando os fidalgos que lhos consentiam. E por fim, muito descontentes com o que se passava, resolveram-se a ir ao paço real falar com el-rei; e escolheram um dos seus, um alfaiate chamado Fernão Vasques, homem esperto, desembaraçado e bem falante, para dizer a el-rei D. Fernando as verdades que todos pensavam.

Assim juntaram-se um dia mais de três mil, entre oficiais de vários officios, e bêsteiros e soldados e, todos armados, foram em grande tropel e algazarra aos paços de el-rei.

Quando D. Fernando soube que tôda aquela gente ali estava de-frente do palácio, mandou perguntar por um dos seus cavaleiros, o que queriam. E Fernão Vasques, o alfaiate, logo respondeu:

— Vimos aqui porque ouvimos dizer que el-rei nosso senhor tomava por mulher Dona Leonor Teles, casada com João Lourenço da Cunha, seu vassalo. Isto não lhe faz honra nem ao reino de Portugal e é coisa que muito desagrada a Deus. E por estas razões lhe vimos aqui dizer que tome por mulher uma filha de rei como convém ao seu estado; e, se não quer filha de rei, que case com filha solteira de um dos honrados fidalgos dêste reino, de quem tenha filhos legítimos. E que não tome a mulher doutro, que isso é coisa que nós, povo de Portugal, lhe não havemos de consentir. Nem êle nos deve levar isto a mal, que tudo é por não quereremos perder tão bom rei por uma má mulher que o traz enfeitado.

Fernão Vasques falava por todos e quando parava para tomar a respiração, levantava-se tal borborinho e vozeria daquela gente aprovando as suas palavras, que ninguém se entendia.

El-rei, lá dentro do palácio, abraçando a Dona Leonor Teles, nunca se apartou dela nem veio falar ao seu povo. Quando soube o que aquêles homens queriam, mandou-lhes dizer que lhes agradecia a sua vinda e que no dia seguinte, à tarde, fôssem todos ao adro do mosteiro de São Domingos, que aí iria ter com êles e levar-lhes a sua resposta. E êles, de boa fé, contentes com a promessa de el-rei, abalaram em sossêgo e foram para as suas casas. Iam dizendo entre si que el-rei era bom e que todo o mal vinha só de Dona Leonor; mas que, se êle

se não quisesse separar de tal mulher, lha tomariam por força e a levariam para lugar onde êle nunca mais a visse.

Os fidalgos ficaram muito satisfeitos, pois cuidaram que el-rei não teria mais remédio agora, senão fazer a vontade ao seu povo. E, no dia seguinte, à hora marcada, juntou-se tanta gente no adro de São Domingos que nem lá cabia e espalhava-se pelo Rossio e vizinhanças; e entre o povo não faltavam fidalgos, e dos melhores. Quando o alfaiate Fernão Vasques viu todos aquêles fidalgos, trepou para cima de um muro e começou a falar em altas vozes: que estava ali para dizer a el-rei, em nome do povo, as verdades que êle precisava ouvir a respeito do casamento que queria fazer; e que aos fidalgos, ainda mais que ao povo, competia dizer estas verdades a el-rei; mas visto el-rei os não querer ouvir, que êle, Fernão Vasques, o faria em nome de todos.

E o povo gritava:

— Viva Fernão Vasques!

E Fernão Vasques no cimo do muro, muito cheio da sua razão, era coisa muito de ver, tal era a sua coragem e a fé em que estava de cumprir assim o seu dever pela sua terra e pelo seu rei.

Mas el-rei, lá no palácio, sabendo o que se passava em São Domingos, tirou-se dos seus cuidados e, muito à calada, abalou de Lisboa mais a *Flor de Altura* e tôda a côrte. Bem depressa se aparelharam os cavalos em que todos montaram, e se carregaram as mulas com as bagagens; e, enquanto o bom povo e os melhores fidalgos esperavam o seu rei, êste galopava pela estrada além, ao lado de Dona Leonor e, seguido pela côrte e criadagem, voltando costas a Lisboa. E ia dizendo para a sua companheira:

— Olha aquêles traidores que só querem apartar-te de mim! Se eu lá fôsse, eram capazes de me prender!

Ail como era fraco o coração de el-rei! E como êle era diferente do bom rei D. Pedro, seu pai!

Quando chegou a São Domingos a notícia que el-rei D. Fernando abalara de Lisboa a mata-cavalos, mais Dona Leonor Teles, a fúria do povo foi tamanha e tanto o barulho, que até parecia uma trovoadá; não houve ali palavras feias que se não gritassem contra *Flor de Altura*, essa má mulher que enfeiticára el-rei, lhe fazia perder o juízo e a coragem, e o levava a proceder contra a sua própria honra.

Dona Leonor, entretanto, galopando ao lado de el-rei, ia consumida de raiva e só pensava em castigar aquêles vilões que se tinham atrevido a levantar-se contra ela. Chamava vilões ao bom povo de Portugal que queria salvar o seu rei e a sua pátria das desgraças que adivinhava.

E Dona Leonor não descansou na sua vingança. De dia para dia o seu poder era maior e cada vez mais a cegava. Mandou espias, gente sua, disfarçada, a descobrir quem eram os principais entre a multidão de povo que lhe queria mal; e quando soube êsses nomes, tais coisas disse a el-rei e tanto o azoinou que lá conseguiu o castigo que o seu mau coração lhe pedia. O alfaiate Fernão Vasques foi preso mais uns poucos de valentes e bons homens como êle e, em praça pública, lhes cortaram a cabeça a todos; e outros conseguiram fugir, mas, por ordem de Dona Leonor, lhes foram todos os bens tomados, que ficaram sem nada neste mundo.

E isto foi a primeira amostra das maldades e desgraças que a mão de *Flor de Altura* espalhou sôbre a terra de Portugal.

Emquanto estes tristes acontecimentos se passavam em Lisboa, andava el-rei D. Fernando mais Dona Leonor e a sua côrte, por êsse reino, divertindo-se à grande. Era um nunca acabar de jornadas, de caçadas, de banquetes, de saraus. Mas as notícias de Lisboa iam-se espalhando e, pelas províncias, tanto o povo como grande parte da fidalguia, se mostravam muito descontentes.

Dona Leonor amofinava-se. O amor de el-rei não lhe bastava; o que ela queria era mandar e que todos se curvassem diante dela. Tanto fêz que afinal D. Fernando resolveu recebê-la por mulher à vista de todos. Naquelas viagens em que andavam, chegaram um dia ao mosteiro de Leça, e aí se celebrou o casa-



mento público de el-rei e de Dona Leonor. Não faltaram festas e esplendor e aí foi a *Flor de Altura* proclamada rainha de Portugal; e logo foram cartas e mensageiros por todo o reino a anunciar aquela grande notícia.

Não contente de a sentar no trono ao seu lado e de lhe pôr sôbre a cabeça a coroa de Portugal, el-rei D. Fernando, na mesma ocasião, deu a Dona Leonor Teles, Vila Viçosa, Abrantes, Almada, Cintra, Tôrres Vedras, Alemquer, Atouguia, Obidos, Aveiro, os Reguengos de Santarém, e outras terras, com seus castelos e rendas; e montou-lhe casa com muita riqueza, e suas aias e oficiais e tudo de tal maneira que Dona Leonor não só ficou sendo rainha, mas rainha muito rica e poderosa.

Juntou el-rei tôda a sua côrte e fidalguia numa grande assemblea para todos prestarem homenagem à nova rainha. E com vontade ou sem ela, todos lhe fizeram sua cortezia e lhe beijaram a mão; e ela, tôda soberba, sentada no trono, de coroa real na cabeça e coberta de jóias.

O infante D. João, que andava cada vez mais namorado de Dona Maria Teles, beijou de boa vontade a mão a Dona Leonor; e ficou na côrte, estimado por todos. Abaixo de el-rei era êle o principal do reino porque, enquanto D. Fernando não tivesse filhos, a êle cabia ser o herdeiro da corôa de Portugal. Mas o outro filho de Dona Inez de Castro, o infante D. Deniz, não quis beijar a mão à rainha.

— Eu? — disse êle, — beijar a mão a Dona Leonor Teles? E porquê? Mais depressa ela me devia beijar a mão a mim!

El-rei afrontou-se muito com isto; e Dona Leonor criou tal raiva a êste cunhado que não o podia ver. Tomou-o daí por diante à sua conta e fez-lhe tamanhas ofensas que por fim D. Deniz, desesperado, abalou para Espanha e tomou partido por el-rei D. Henrique de Castela, que lhe deu bom lugar na sua côrte e muitas terras e rendas.

A guerra em Espanha acabara com a morte de D. Pedro, o *Cruel*. Mas el-rei D. Fernando, em lugar de conservar as pazes com el-rei D. Henrique de Castela, quebrou-as. E D. Henrique, à frente das suas tropas, caminhou contra Portugal. Entrou até Vizeu, que tomou sem encontrar quem lhe embargasse os passos. E assim foi descendo até Coímbra, onde estava el-rei D. Fernando mais a rainha. D. Fernando deixou Dona Leonor em Coímbra e foi para Santarém, onde dizia que ia juntar os seus fidalgos e tropas para dar batalha aos espanhóis. Estes alojaram-se em Coímbra e seus arredores, como em terra sua e, enquanto lá estavam, a rainha Dona Leonor deu à luz uma filhinha que se chamou a infanta Dona Beatriz.

De Santarém, D. Fernando mandava ordens aos seus fidalgos para as diferentes províncias onde êles estavam nas suas terras: que armassem as suas gentes e se preparassem para a batalha. Mas recomendava a todos que se deixassem estar donde estavam até receberem novo recado dele. D. Fernando era como uma criança medrosa que, diante do perigo, não sabia o que havia de fazer. Dona Leonor tinha vindo ter com êle a Santarém trazendo-lhe a filhinha, e êle vivia agarrado àquela mulher, sem pensar na desgraça e na vergonha que alastravam pela terra de Portugal.

El-rei D. Henrique de Castela ria-se e continuava a sua jornada. Assim chegou a Tôrres Novas.

Em Tôrres Novas estava o irmão mais novo de D. Fernando, o infante D. João, Mestre de Aviz, aquêle môço que fôra criado pelos frades guerreiros e que, a-pesar-de muito novo ainda, era sisudo e cheio de juízo e de coragem. Ao ver como os espanhóis entravam por terras de Portugal sem ninguém lhes dar batalha, enchia-se de fúria e de desespêro. Pedia ao aio que não lhe escondesse nada e que fôsse pedir a el-rei seu irmão, gente e licença para êle ir combater os inimigos. Mas o aio, que era de boa raça e se atormentava tanto como êle, abanava a cabeça com tristeza e respondia:

— Muitos e dos melhores fidalgos portugueses foram já ter com el-rei a fazer o mesmo pedido; e el-rei mandou-os com mau modo para as suas terras esperar

ordens. Meu senhor, el-rei quebrou as pazes com os castelhanos mas não lhes quer dar batalha. Quem pode entender isto? Mas êle é o nosso rei e temos obrigação de lhe obedecer.

— Obedecer-lhe! — resmungava o Mestre de Aviz. — Não a êle! Mas a Dona Leonor Teles que é quem manda!

E chorava de raiva e de vergonha; mas não podia fazer nada, sem ordem de el-rei.

Os espanhóis passaram com seu sossêgo além de Tôrres Novas e foram até Santarém; e defronte dessa cidade pararam e prepararam-se para a batalha. Mas D. Fernando, acochado lá dentro do palácio, não buliu; e êles continuaram o seu caminho direitos a Lisboa.

Os fidalgos portugueses, desesperados com tudo isto, começavam a perder o respeito pelo seu rei. Alguns arrebanhavam as suas gentes e faziam ciladas e escaramuças contra os castelhanos que vinham juntar-se ao exército de D. Henrique. Mas de que servia? Não tinham quem os reunisse e os comandasse. Muitos perdiam a cabeça e, vendo a moleza do rei e enraivecidos contra Dona Leonor, entregavam os castelos aos espanhóis e passavam-se para D. Henrique.

Assim se iam preparando os acontecimentos que vieram depois a salvar Portugal. Porque as nações são como as pessoas: cada qual tem o seu destino. E as que estão marcadas por Deus, podem parecer às vezes quasi perdidas, mas, de repente a sorte dá uma volta e lá vão elas, levantadas acima das outras, como grandes fachos a alumiar o mundo. Tal era o destino de Portugal; mas naquele tempo, ainda ninguém o sabia.

A rainha era uma má mulher, devassa, cheia de soberba; e não tinha coação. O rei era fraco de vontade, sem coragem nem resolução e não sabia governar. Os fidalgos, não tendo quem os mandasse, sem respeito pelo seu rei, descontentes, perdiam-se de invejas e cubiças, enredavam-se em intrigas e cada um puxava para o seu lado. E o povo, abandonado, empobrecido, não sabia para onde se voltar e sofria, calado, só pedindo a Deus que lhe valesse.

E os espanhóis entraram pela sagrada terra de Portugal como se fôsse deles; por onde passavam só deixavam miséria, tristeza e morte, que tais são as leis da guerra, e os portugueses, no seu lugar, teriam feito o mesmo. Assim avançaram até Lisboa e puseram-lhe cêrco; cercaram Lisboa por terra e também por mar, que a frota castelhana entrou pelo Tejo acima e os navios portugueses, mal comandados e mal preparados, não a puderam tolher.

Mas tudo isto tinha de ser assim; porque da noite nasce o alvorecer e a alegria da primavera só vem depois da tristeza do inverno.

O cêrco de Lisboa durou muito tempo; e por fim acabou porque Deus espalhou uma grande peste sôbre as tropas espanholas. Os soldados morriam como tordos e os melhores capitães e fidalgos de el-rei de Castela ali acabaram seus dias. El-rei adoeceu também; e então os castelhanos levantaram o cêrco e foram-se embora porque viram que, se ficassem mais tempo, não escaparia nenhum.

E dos portugueses não morreu ninguém, louvado seja Deus.

Mas tudo continuava mal no reino. El-rei D. Fernando começou a sofrer da tísica que havia de o levar. Depois do nascimento da infanta D. Beatriz, não dera Deus mais nenhum filho à rainha.

Fizeram-se pazes com os espanhóis e a principal condição foi que a infanta Dona Beatriz casasse com o infante de Castela e se, por morte de el-rei D. Fernando, não houvesse dele herdeiro da coroa, Dona Beatriz ficaria sendo rainha de Portugal e o seu marido, rei. E Dona Leonor Teles seria regente até a maioridade da infanta. Ora isto era uma triste combinação, porque Portugal passaria a ser governado por um rei espanhol.

Entretanto, a paixão do infante D. João por Dona Maria Teles, irmã da rainha, ia sempre a mais. Ela queria-lhe também tanto que não tinha outra idea no pensamento senão aquêlê grande amor. E por fim lá consentiu que êle fôsse uma noite falar-lhe às escondidas aos seus aposentos. O infante ficou todo con-

tente; cuidou que se encontraria só com ela para lhe falar à vontade. Mas Dona Maria guardou uma aia na sua companhia e logo que o infante entrou, disse-lhe assim:

— Quero ser muito leal convosco, meu senhor. Sabereis que nunca serei vossa senão por casamento. Se me quereis tanto bem como dizeis, fazei de mim vossa mulher. Não sou princesa mas tenho sangue real nas veias e nenhuma princesa do mundo vos quererá mais nem vos será mais fiel. Também Dona Inez de Castro, vossa mãe, não era princesa; e, se minha irmã Leonor é rainha de Portugal, não vejo por que razão não poderei eu casar com um irmão de el-rei.

Tais coisas disse e o Infante estava tão perdido de amor, que logo ali foi chamado um padre que naquela mesma noite os casou. Mas tudo ficou em grande segredo porque tanto um como outro, tinham muito medo da rainha e receavam que, se ela soubesse do casamento, os separasse ou lhes armasse alguma perigosa intriga de morte.

E tinham razão. Dona Leonor Teles, vendo que el-rei D. Fernando, seu marido, definhava com a tísica e que não podia durar muito, receava o futuro; porque a infanta Dona Beatriz era ainda uma criancinha e grande parte dos fidalgos e todo o povo gostavam muito do infante D. João; e ela bem sabia que havia pouca gente em Portugal que, por morte de el-rei D. Fernando, aceitasse como rei um infante de Espanha quando havia um infante português tão capaz de governar o reino. De modo que, apenas ela veio a saber que o Infante casara às escondidas com sua irmã Dona Maria (que o segredo pouco durou e logo houve quem o descobrisse e o fôsse contar à rainha), esta ficou em grande cuidado. O casamento do Infante, ainda tornava tudo pior e, se Deus lhe desse algum filho, estaria tudo perdido, porque o povo, vendo um herdeiro da coroa de sangue real português, não queria saber do contrato feito com o rei de Castela. E Dona Leonor Teles já via sua irmã feita rainha e via-se a si posta de parte e sem poder nenhum em terras de Portugal. Até perdeu a vontade de comer e não pregava olho de noite, sempre a cismar nas voltas que havia de dar à sua vida para se ver livre do infante D. João e de Dona Maria Teles.

*Flor de Altura* lhe chamavam, por ser linda como uma flor e estar tão alto como rainha que era; linda por fora, na aparência do seu corpo e do seu rosto, que os não havia mais perfeitos. Mas, ai dela! que na alma só tinha peçonha e fealdade.

Que havia ela de imaginar?

Com enredos e intrigas, meteu no coração do infante D. João os dois piores demónios que tentam os homens neste mundo: o ciúme e a cobiça de mandar.

Fêz de conta que nada sabia do casamento da irmã e encarregou o irmão, João Afonso Telo (que era tão bom como ela) de dizer ao infante, com muito fingida amizade, que ela, rainha, o queria para genro. De Dona Leonor Teles lhe propor casamento com a infanta Dona Beatriz que ainda era tão pequenina, não se espantou D. João, porque naqueles tempos faziam-se os casamentos reais muitas vezes quando os noivos ainda eram meninos, e continuavam a viver na companhia dos pais até terem idade de se juntar. Mas do que o Infante se admirou muito foi de tal proposta lhe ser feita, quando Dona Beatriz já fôra prometida ao filho de el-rei de Castela. João Afonso Telo respondeu logo que tudo se arranjaría com tempo, que tais promessas se podiam desfazer e que se lhe falava assim, boas razões tinha para o fazer; tais artes teve que o infante D. João acreditou em tudo que êle lhe disse.

Mas Dona Leonor Teles ainda não estava satisfeita. Receava que o amor do infante por Dona Maria fôsse mais forte nêle que a cobiça de ser rei. Deixou passar algum tempo e lá arranjou os seus enredos de maneira que fêz chegar aos ouvidos do infante D. João uma notícia mentirosa capaz de lhe fazer perder a cabeça. Foram dizer a D. João, como coisa muito certa e já sabida

por todos, que Dona Maria Teles, lá em Coimbra, onde então assistia, se namorara de outro fidalgo e que o recebia às escondidas em sua casa. O infante, já desnordeado com aquela esperança de reinar que a rainha, com falsas promessas, lhe pusera na idea, ao ouvir tal coisa, ficou maluco de todo. Partiu como um possesso para Coimbra com firme tenção de matar a mulher, sem querer saber de mais nada; porque um fidalgo naquele tempo, quando a mulher o atraçoava, ficava deshonrado, se não tirasse logo dela uma grande vingança. Para mais, o diabo, aproveitando aquêlê desespero, dava-lhe muito feios pensamentos: que matasse Dona Maria, pois se vingaria assim da sua traição e ao mesmo tempo se veria livre dela para poder casar com a infanta Dona Beatriz e vir um dia a ser rei de Portugal como *Flor de Altura* lhe prometera.

Era grande a cavalgada, que o infante ia acompanhado por muitos fidalgos, seus vassallos e officiaes da sua casa; e no caminho pararam em Alcanhões, onde a côrte estava nessa ocasião. Aí foi muito bem recebido por el-rei e pela rainha e houve um grande jantar e festas em sua honra; e êle, sem mostrar a ninguém o que levava no pensamento, abalou no dia seguinte com todos os seus.

Quando chegou a Tomar, o Mestre dos Cavaleiros de Cristo (que era filho do primeiro casamento de Dona Maria Teles, como já ficou dito) convidou-o para jantar na sua companhia. Mas o Infante não aceitou o convite nem quis ver o Mestre, que estranhou isto muito. E, conhecendo as intrigas da rainha e vendo-se assim tratado pelo infante sem razão nenhuma, mandou logo um mensajeiro a sua mãe contando-lhe o que se passara e pedindo-lhe que se acautelasse.

Dona Maria Teles andava muito triste, porque já lhe tinham ido contar os enredos que a irmã tecia contra ela; quando recebeu o recado do filho, mais triste ficou; mas fiava-se no coração do infante e naquele amor tão grande e que através dos anos não afrouxara. Como não tinha culpas, não quis fugir nem acautelar-se. Dizia de si para si:

— Deus sabe que estou inocente; ponho tudo nas suas divinas mãos e será o que Ele quiser.

Era já perto do romper de alva, quando o infante D. João chegou a Coimbra e, com tôda a sua gente, foi ter a casa de Dona Maria Teles.

Estavam todos de-frente da porta, quando uma mulher de dentro, que ia ao rio lavar roupa, a destrancou e abriu. O infante entrou de roldão com os seus cavaleiros; e, arrombando portas, atravessando os aposentos das aias espavoridas, sem cerimônia nenhuma, chegou ao quarto onde dormia sua mulher.

Dona Maria, acordada de surprêsa, levantou-se em sobressalto, sem tempo sequer de se cobrir; e para esconder o seu lindo corpo, embrulhou-se numa alva coberta da cama e encostou-se à parede.

— O' meu senhor, — disse ela com fingido sossêgo — que visita é esta tão desacostumada.

E o Infante respondeu:

— Andaste espalhando que eramos casados, a-pesar do segrêdo que tínhamos jurado guardar, e desejando até que tal chegasse aos ouvidos da tua irmã na esperança que ela me mandasse prender ou matar, para poderes ficar à vontade com êsse homem com quem me atraçoas.

Dizendo tais palavras, todo aceso em raiva, deitou-lhe mão a um braço. Mas ela ainda o agüentou, dizendo com voz serena:

— Perdoe Deus a quem tão mal vos aconselhou, que eu estou inocente do pecado de que me acusais. Se fôr da vossa vontade escutar-me, eu vos aconselharei melhor, meu senhor, do que essa gente que só quere a vossa perdição e a minha. Ouvi-me primeiro, e fareis depois o que vos parecer.

Mas o Infante não quis escutar as suas razões. Diante da sua beleza e do seu claro olhar, teve mêdo de enfraquecer no propósito danado que levava.

— Não vim aqui para conversas, — disse êle com modo desabrido.

E dando um grande puxão à coberta em que Dona Maria se embrulhara, fê-la cair por terra quasi nua de todo. Os cavaleiros que estavam com elle no aposento, encheram-se de compaixão e desviaram os olhos; e alguns não se podiam ter que não chorassem, nem que ella fôsse sua mãe ou sua irmã.

Mas nisto o Infante deu-lhe uma punhalada no peito e ella gemeu:

— Meu Deus! valei-me e tende mercê da minha alma!

D. João arrancou o punhal e deu-lhe outro golpe numa virilha. E ella ainda suspirou:

— Jesus, filho da Santíssima Virgem, tende piedade de mim!

E com estas palavras, ali entregou a Deus a sua alma innocente.

Logo se encheu a casa toda de clamores e choros de homens e mulheres que arrancavam, de paixão e desespero, as barbas e os cabelos. Os gritos ouviam-se pelas ruas da cidade, e juntou-se ali um ror de povo fazendo grandes prantos, porque ella era muito estimada por todos.

Mas o Infante, apenas acabou aquella feia tarefa, não esperou por mais nada. Safu da casa que nem um raio, saltou para riba do cavallo e, com todo o seu acompanhamento, abalou a galope nem que o levasse o demónio. Só parou em São Paio, onde esperou os cavaleiros que, por fraqueza dos cavalos, o não tinham podido acompanhar naquella correria. E daí foi mais elles a caminho da Beira, onde andou por muito tempo em caçadas e montarias.

Era como se andasse bêbedo com aquellas duas ideas que lhe enchiam o pensamento e não o deixavam considerar mais nada: a primeira era de ter vingado a sua honra com a morte de Dona Maria; e a segunda era de vir a casar com a infanta sua sobrinha e, por morte de seu irmão, ser rei de Portugal.

•  
•

Quando chegou à côrte a noticia do que succedera em Coímbra, a rainha fingiu-se muito aflita e cheia de tristeza. Vestiu-se de luto e chorava lágrimas falsas dizendo a quem a queria ouvir que perdoasse Deus ao Infante, que ella não sabia se poderia perdoar-lhe tamanha maldade. Mas lá de si para si estava contente por ver o bom resultado da sua intriga, e pensava:

— Da minha irmã estou eu livre; mas agora é preciso dar cabo do Infante.

Entretanto andavam muitos recados entre el-rei e o infante D. João. E este mandou por fim dizer a D. Fernando e à rainha que precisava saber se estava ou não perdoado, pois não queria andar em Portugal contra vontade de seu irmão e cunhada; e, se elles lhe queriam mal, que então iria viver para outro reino onde fôsse bem recebido e tratado com as honras que competiam à sua condição.

Lá lhe mandaram por fim cartas de perdão e elle voltou para a côrte, onde lhe fizeram muita festa, como se nada fôsse. Muita festa... mas lá a respeito do prometido casamento com a infanta Dona Beatriz, nem uma palavra. Se falava em tal, respondiam-lhe que fivesse paciência, que a coisa era muito difficil, que era preciso esperar. Entretanto sabia elle que se tratava mas era do casamento da sobrinha com o infante de Castela; e era o que Dona Leonor Teles queria, porque nas condições dêsse casamento lá estava muito bem explicado que, por morte de D. Fernando, a coroa de Portugal passava para sua filha Dona Beatriz e, enquanto ella fôsse de menor idade, a regência do reino ficaria na mão da rainha.

Por outro lado, o Mestre dos Cavaleiros de Cristo, filho de Dona Maria Teles, não perdoava ao Infante a morte de sua mãe; e elle mais os seus amigos, que eram muitos e poderosos, só pensavam em se vingar; e a rainha, manhosa, ajudava-os pela calada.

O infante, abrindo os olhos e vendo em que cilada Dona Leonor Teles o fizera cair, começou a entristecer. Acabava-se aquella bebedeira em que andava e percebia que tudo tinham sido mentiras. Ninguém o via sorrir e retirava-se

de tôdas as festas. Passava horas sôzinho, a cismar. Lembrava-se de Dona Maria e do seu grande amor, e da sua beleza e do seu ar sossegado. Conhecía que ela morrerá inocente e que não havia perdão que o lavasse daquele sangue puro que derramara. E bem via agora que o prometido casamento com a so-brinha fôra um grandíssimo embuste armado para a sua perdição.

Desenganado e cheio de desprezo por todos estes enredos e mentiras, afastou-se da côrte e foi para o norte de Portugal. Por lá andou a monte, no Minho, no Douro, na Beira, mais os seus cavaleiros que o estimavam e nunca o quiseram abandonar. Triste vida era a sua, a caçar por aquelas ser-ranias; não se passava dia em que não chorasse e se arrependesse do mal que fizera. E tanto êle como os companheiros passavam mal, que a raíinha lá arranjava as coisas de modo que el-rei lhes não mandasse diñheiro; e por fim até roupas e armas tiveram que empenhar, para não morrerem de fome.

E nisto chegou a notícia de que o filho de Dona Maria Teles, vinha com outros cavaleiros e muita gente armada em procura do Infante, para vingar a morte de sua mãe; e logo atrás dele, vinham el-rei D. Fernando e a raíinha com oficiais e tropas. Era como se fôsse uma caçada, e o infante algum urso ou porco montês; e vinham para o matar ou para o desterrar para longe do reino.

Diante deles, de terra em terra, ia fugindo o Infante mais os seus ca-valeiros.

Chegado assim à raia de Espanha, despediu-se D. João dos seus fiéis companheiros. Não queriam deixá-lo, mas disse-lhes que não podia continuar a sustentá-los; que voltassem para as suas terras. E com grande tristeza e lágrimas, lá se separaram dele. O Infante, levando só em sua companhia dois dos seus amigos e quatro moços de estrebaria, seguiu sua triste jornada até chegar a casa de sua irmã Dona Beatriz casada com o conde de Albuquerque, lá para as bandas de Badajoz. E aí se deixou ficar até que el-rei D. Henrique de Castela o mandou chamar para a sua côrte e lhe deu terras e rendas e o tratou com as honras que lhe eram devidas. Quando, mais tarde, se acendeu outra vez a guerra entre Portugal e Castela, o infante D. João foi pelo rei de Castela contra Portugal.

Tinha *Flor de Altura* conseguido o que queria. El-rei D. Fernando, que nunca soubera governar o seu reino, agora cada vez mais doente, mal tinha fôrça para viver. Quem mandava era Dona Leonor Teles.

Mas as suas maldades ainda não estavam acabadas.

E tudo isto se passava em Portugal há-de haver uns quinhentos e tan-tos anos.

## A SEGUIR:

HISTÓRIA DE FLOR DE ALTURA  
E DO CONDE ESPANHOL : : : :

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**